



M. 202  
M. 205  
R. 29.7.61  
Quadrante I  
"A Transição"  
200 C

### GENTE DA CIDADE



### Sacha, o pianista

No "Vogue" não há nenhum aviso pedindo para não atirar no pianista — não porque não haja pistoleiros a bordo, mas apenas porque ninguém ainda se lembrou de atirar em um anjo — e Sacha Rubin, de 41 anos de idade, natural de Viena, é positivamente um anjo, um anjo que toca piano. Toca 10, 12, até 24 e 25 horas por dia, sem comer nem ter sono (bebe uísque puro, com gelo, e o Barão diz que ele é das raras pessoas que realmente sabem distinguir a qualidade e marca de um uísque) atende com prazer a qualquer pedido de qualquer música, acompanha qualquer cantor (inclusive Lúcio Rangel) fala bem de todo mundo, admira todos os músicos da cidade, não discute jamais e não sabe dizer "não" — tudo isso mantendo seu sorriso e sua dignidade.

Sabe-se dele que correu toda a Europa e Oriente Próximo; quando veio a guerra estava na Turquia e lá ficou. Lá conheceu uma professora inglesa bonita e inteligente, casou-se com ela (Pat) fez-lhe um filho (Ted) e quando vocês ouvirem dizer que nosso corpo diplomático não vale nada lembrem-se de que, por ser vizinho do ministro Paulo de Souza Dantas é que Sacha veio para o Brasil, em 1948. Hoje Teddy tem onze anos e todo sábado vai comer feijoada no "Vogue", com Pat; quando Sacha se distrai ele vai para o piano e toca. Sacha ganha de 20 a 30 contos por mês e não quer sair do "Vogue" de jeito nenhum ("todos os amigos da casa já quiseram melhorar a vida dele" diz o Barão) e sua reivindicação, para descansar em casa, é ter lá um piano. Tem um em Buenos Aires, outro em Londres, mas não pretende mais sair do Brasil e não tem pistolão na Cexim.

O ritmo é sempre certo, o toque sempre leve (não trabalho com os braços, mas com as mãos, quase apenas com os dedos) e às vezes fantástico e brilhante. E o sorriso de Sacha Rubin é o mesmo para o prêto Adolfo e para o presidente de qualquer república. "Hobby", ideal, tendência política e planos futuros: tocar piano.

Eu vinha de não sei que tristes sonhos, nefastos pesadelos. Despertei, ansioso, no meio da noite, e olhando a escura parede senti que as imagens torvas que me povoavam os olhos ainda tontos ali vagamente se moviam. Voltei-me, então, sobre o meu flanco direito; a janela estava aberta para a noite. Era uma noite sem lua, que ciciava em árvores e murmurava em águas humildes; e uma grande estrêla brilhava.

Haveria outras, esparsas e pequenas, mas aquela era tão grande e cintilava com uma estranha palpação; era tão distante, mas brilhava tão perto e tão para mim como se fôsse uma lanterna que mão amiga houvesse pendurado em minha janela para me dar alento no fundo da treva. Eu vagara tanto pelo mundo que, ao despertar, não sabia em que leito, casa, país e tempo; e mesmo tinha de recompor minha idéia para lembrar se era feliz ou infeliz. Apenas senti que estava agora voltado para o Norte, e do fundo de meu coração saudei a estrêla com a palavra que me veio aos lábios: Aldebarán!

Lera essa palavra em velhos, cansados livros que falam de astros e mistérios do céu; mas somente agora percebia que era uma palavra mística, feita de muitas outras, querendo dizer, em antigas secretas línguas:

a Nova Esperança, a Grande Amiga, o Esquecimento das Máguas, a Alegria da Noite.

Aldebarán, Aldebarán! — disse eu, com estranho ardor; e foi como se a sua palpação se fizesse mais fremente e pura. Então uma voz suave me disse, e era como se a minha melancólica mãe ou, ainda mais distante, a minha irmã e madrinha me passasse a mão pelos cabelos: "descansa, dorme em paz, Aldebarán é tua amiga; e como soubeste dizer seu nome ela é para sempre tua amiga; dorme em paz, homem da noite solitária e cruel e dos fatigados, tristes pesadelos; dorme. E se amanhã, na tua inquieta fantasia, quiseses dar êsse nome a algo que ames, podes dal-o sem remorso à égua fidalga que no galope deixa que o luar lhe beije as negras crinas, ou à mais bela flor no pélagos marinho; e até podes chamar Aldebarán a uma nuvem que se doira no momento em que o céu, para o ocidente, já toma a cor da triste violeta; mas promete que nunca darás êsse nome, nunca, a nenhuma filha dos homens, por mais ansioso te faça a sua beleza peregrina".

Eu disse apenas, humilde: "prometo". E então, pela primeira vez em muitos e muitos anos de longas noites, eu pude adormecer sorrindo, porque meu coração era puro como o de um menino.

★ ★ ★

ROMANCE XXXIII OU

### Do cigano que viu chegar o alferes

(Do livro "Romanceiro da Inconfidência", de Cecília Meireles, edição "Livros de Portugal", 1953).



### A POESIA É NECESSÁRIA

Não vale muito, o rosilho;  
mas o homem que vem montado,  
embora venha sorrindo,  
traz sinal de desgraçado.  
parece vir perseguido,  
sem que se veja soldado;  
deixou marcas no caminho  
como de homem algemado.  
Fala e pensa como um vivo,  
mas deve estar condenado.  
Tem qualquer coisa no juízo,  
mas sem ser desvaído.

A estrêla do seu destino  
leva o desenho estropeado:

metade com grande brilho,  
a outra, de brilho nublado;  
quanto mais fica um, sombrio,  
mais se ilumina o outro lado.

Duvido muito, duvido  
que se deslinda o seu fado.  
Vejo que vai ser ferido  
e vai ser glorificado;  
ao mesmo tempo, sôzinho,  
e de multidões cercado;  
e de repente elevado;  
ou sobre um astro divino  
ou num poste de enforcado.

Vem montado no rosilho.  
No rosilho vem montado.  
Mas, atrás dele, o inimigo  
cavalga em sombra, calado.  
Vejo, no alto, o fel e o espinho  
e a mão do Crucificado.

Ah, cavaleiro perdido,  
sem ter culpa nem pecado...  
— Pobre de quem tem um filho  
pela sorte assinalado!  
Vem galopando e sorrindo,  
como quem traz um recado.  
Não que o traga por escrito;  
mas dentro em si: — consumado.

Cecília Meireles, uma das mais altas expressões da poesia em nossa língua, publicou este ano seu "Romanceiro da Inconfidência", com 96 poemas cantando a história da conjura mineira. Esse livro de 300 páginas, muito bem apresentado, é das mais ambiciosas e bem sucedidas realizações poéticas em nosso país, pelo sentimento e pela beleza. Seria

bom, entretanto, para os muitos leitores que não conhecem, em detalhe, a história da Inconfidência, que a autora fizesse preceder cada poema (ou a maioria deles) de uma pequena explicação ou citação em prosa, tirada de algum historiador ou dos próprios autos do processo. E' o que sugerimos para uma segunda edição, dêsse grande poema.



# Rubem Braga



## SOMBRA

De "Reforma Agrária", de Nestor Duarte, edição do autor:

"A uma pobre criança do sertão que formulara o desejo de estudar, se perguntara a razão desse intento, e ela, sem malícia, respondera: — Para poder trabalhar na sombra.

Se a vida agrícola é o trabalho ao sol, no duro eito à luz do dia em todos os recantos do mundo, o episódio desse menino brasileiro retrata o grave sentimento de evasão que se abriga no íntimo de todo homem do campo a quem o trabalho não deu a compensação econômica sem a dignidade social".

"A grande propriedade deve ser combatida, não apenas porque é grande, mas porque, além de grande, é monopolizadora, quando não seja improdutivo, acarreta não só a proletarização rural, mas a proletarização nas piores condições humanas de degradação econômica e cultural".

"No Brasil, ainda que ninguém tenha dito, é necessário dizer-se que há subemprego das famílias dos trabalhadores rurais e nas dos pequenos proprietários de terras, o que se traduz, afinal, por super-população rural, sinal de todos os países atrasados ou sub-desenvolvidos".



## A CRIADA

De "Spetacle", versos de Jacques Prévert, tradução em prosa:

"É numa terça-feira, pelas quatro horas, de tardinha, no mês de fevereiro, dentro de uma cozinha; há uma criada que acaba de ser humilhada. No fundo de sua alma alguma coisa que ainda estava intacta acaba de ser saqueada, ferida. Alguma coisa que ainda vivia, e silenciosamente sorria. Mas alguém entrou, disse uma palavra cruel a propósito de um objeto quebrado; e aquela coisa que ainda era capaz de rir parou de rir para sempre.

E a criada fica ali parada, parada diante da pia e depois começa a tremer. Mas é preciso que ela não comece a chorar, porque se começar a chorar, a criada para todo o serviço sabe que não poderá mais parar de chorar. Ela traz dentro de si uma miséria tão grande, e há tanto tempo, como se fosse uma criança morta, e entretanto ainda um pouquinho viva que ela trouxe dentro de si. E ela sabe muito bem que, a primeira lágrima derramada, todas as outras lágrimas viriam, e com isso faria tal barulheira que ninguém poderia suportar, e que a expulsariam, e aquela criança morreria. Então ela se cala".



## MÍSTICA

Do mesmo livro, citação de Paul Claudel, em "Le Figaro Littéraire" de 10 de março de 1951:

"Meus pais, que não eram ricos, sempre me ensinaram a considerar o pão como uma coisa santa. E também o dinheiro, do qual não se deve fazer mais emprego. Por que desprezar esse bom servidor? Toda uma metade de minha vida é a de um homem de negócios, e devo dizer que é com os homens de negócios que sempre me entendi melhor... Essas palavras — empréstimo,

comércio, lucro, valor, moeda — não formarão o fundo do vocabulário místico?"



## COMA COM OS DENTES

Do livro "Nordeste Brasileiro", de A. da Silva Melo, da Coleção Documentos Brasileiros, Livraria José Olímpio Editora, 1953:

"É por essa mesma razão que nos temos batido contra o liquidificador elétrico... encontrado com frequência mesmo no lar de pessoas de poucos recursos, devido a uma intensa propagan-

da e o processo de venda em prestações... mais um degrau descido nessa péssima tendência para ingerirmos alimentos líquidos, em papas, mingaus e pirões, tão em desacordo com o nosso passado alimentar e as necessidades do nosso organismo... Logo depois da aquisição do aparelho o que acontece habitualmente é haver um entusiasmo exagerado, que leva à ingestão repetida dos tais copázios chamados coquetéis de vitaminas... não é raro surgir, algum tempo depois, uma repugnância crescente... houve um choque, uma reação, um alarme contra qualquer coisa que deve ser desfavorável, prejudicial, perigosa".

Anahory passou 8 anos fora do Rio; ao voltar, achou mais casas, mais carros, mais nus e balmoral no jisque.

